

## Os usos das plantas na promoção da saúde

Henrique Alexandro Senderski\* | Hélio Sochodolak\*\*

### *The uses of plants in health promotion*

#### **Abstract**

The article presents a discussion on the use of plants for therapeutical purposes in the municipality of Irati / PR. It discusses the battle fought between the semi systematized knowledge of the so-called "Holistic Therapy" and the popular uses of the plants characterized by strong popular religiosity.

**Keywords:** plants; Irati; popular religiosity; therapy.

### *Los usos de las plantas en promoción de la salud*

#### **Resumen**

El artículo presenta una discusión sobre el uso de plantas y su uso en terapias en la ciudad de Irati/ PR. Direcciones la batalla librada entre el conocimiento semi sistematizado llamado "Terapia Holística" y los popular usos de las plantas que se caracteriza por una fuerte religiosidad popular.

**Palabras claves:** plantas; Irati; la religiosidad popular; terapia.

#### **Resumo**

O artigo apresenta uma discussão acerca da utilização das plantas em terapias na cidade de Irati/PR. Aborda o combate travado entre o conhecimento semi sistematizado da chamada "Terapia Holística" e os usos populares das plantas caracterizados por forte religiosidade popular.

**Palavras-Chave:** plantas; Irati; religiosidade popular; terapia.

Os saberes tradicionais acerca do uso de plantas e as práticas com as quais eles estão vinculados fazem parte da formação cultural de muitas pessoas que habitam a região de Irati-PR. Torna-se comum encontrar nos quintais das residências a presença de canteiros contendo variedades de plantas. Uma grande parte das famílias, que cultivam esses canteiros, assume a prática da utilização das plantas na produção de chás para as eventuais moléstias. Muitas famílias que não possuem os

canteiros nos quintais de suas residências buscam as plantas em estabelecimentos especializados, permanecendo, dessa maneira, o fenômeno destacável da procura pelo bem-estar.

Além dessa "autonomia"<sup>1</sup>, para a obtenção da saúde, ocorre também a procura por meios alternativos que estabelecem práticas particulares. Esses meios ou instituições, que utilizam as plantas para o bem-estar, podem ser entendidos em dois principais âmbitos: os que assumem o desenvolvimento das práticas por meio de técnicas de terapias, e os que se encontram vinculados à religiosidade popular por meio das práticas das "curas" e dos "benzimentos".

Mesmo diante do constante e acelerado movimento das transformações tecnológicas e das evoluções científicas, precisamos assumir que "não conseguimos evitar que muitos objetos e práticas que qualificamos de 'populares' pontilhem nosso cotidiano". (ARANTES, 1988, p. 12).

Torna-se cada vez mais latente aos estudos culturais da região de Irati o movimento considerado como retorno às práticas tradicionais<sup>2</sup>. Parece-nos, então, que os temas antes entendidos como "simplórios" e "rudes" passaram a ter um vasto campo de investigação, uma vez que nos remete à constituição cultural de um povo.

\*. Especialista em História Cultural - UNICENTRO-Irati-PR.

\*\* Prof. Dr. Depto de História UNICENTRO-Irati-PR e Programa de Pós-Graduação em História - UNICENTRO.

Ao analisarmos historicamente determinada cultura, adentramos a relação conceitual entre o mundo dos “símbolos” e das “significações” que lhe são correspondentes. Nessa perspectiva, Clifford Geertz apresenta sua definição de cultura como sendo

“um padrão historicamente transmitido, de significados incorporados em símbolos, um sistema de concepções herdadas, expressas em formas simbólicas, por meio das quais os homens se comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atitudes acerca da vida”. (apud BURKE, 2005, p. 52)

Essa visão do autor nos envolve profundamente na ideia da cultura como um emaranhado de significados, de sinais e símbolos que são transmitidos historicamente, ou seja, numa dimensão de transmissão entre as gerações. E essa transmissão é que gera a possibilidade do entendimento acerca do desenvolvimento da linguagem que é estabelecida perante tais símbolos, favorecendo as relações sociais adequadas ao sentido da comunicação, do conhecimento e da aquisição dos valores. A partir dessa concepção, destacamos o olhar minucioso da História Cultural perante a maneira como “os sujeitos leem o mundo e lhe imprimem significados”. (DUARTE; FROTSCHER, 2006, p. 300). Ou seja, a forma como os sujeitos interpretam e veem o mundo que os rodeia, partindo dos valores e sentidos que eles mesmos possuem.

Michel de Certeau nos sugere a compreensão das “práticas cotidianas” (2007, p. 109) que estão relacionadas aos “‘usos’, à ‘apropriação’ e, especialmente à ‘utilização’” (BURKE, 2005, p. 103) dos elementos que constituem o nosso cotidiano. Esses conceitos indicam que, mais do que situarmos as maneiras pelas quais as pessoas aderem ao uso das plantas, precisamos compreender como esses mesmos sujeitos refletem, diante dessa ação, os princípios aos quais eles se apropriam e se identificam.

Por meio da identificação assumida pelos indivíduos, ocorre a formação do “mundo dos sentidos”. Dessa forma, “pensar a construção de sentidos, tendo como motivo a cultura, significa tentar a decodificação das interfaces que se operam na produção do simbólico”. (SOCHODOLAK, CAMPIGOTO, 2008, p. 17) E o que envolve o simbólico está ligado ao desempenho das chamadas “práticas” e “representações”.

As práticas que envolvem os usos das plantas na realidade iratiense condicionam a percepção, a distribuição dos bens e a distinção entre as chamadas “práticas semi-institucionalizadas” num espaço estriado e as “práticas não institucionalizadas” num espaço liso<sup>3</sup>. Essas “instituições” procuram delimitar os usos próprios e adequados, normatizando as práticas e legitimando uma linguagem própria.

A distinção existente entre as devidas práticas de uso das plantas, estabelecidas por essas “instituições”, é condicionada ao conjunto de valores que lhes são apropriados. No que tange a uma leitura sociológica dessa realidade, Pierre Bourdieu pode nos ajudar a compreender que nessas realidades “... as diferenças nas práticas, nos bens possuídos, nas opiniões expressas tornam-se diferenças simbólicas e constituem uma verdadeira linguagem”. (2008, p. 22). Essa constituição da linguagem partindo das devidas distinções existentes nos ajuda a perceber que cada prática associa, aos seus princípios e técnicas, valores particulares. Então, entende-se, assim, a formação e constituição dos distintos discursos, pois cada uma delas vai desempenhar a justificativa cabível perante o seu conjunto de valores e sentidos próprios.

Assim, adentramos à interpretação das formas pelas quais cada prática desempenha a sua

distinção perante o uso de plantas e de como são estabelecidas as devidas linguagens. O desenvolvimento particular de uma linguagem, seja “técnica” ou “rudimentar”, possibilita visualizar um imenso “painel” de representações que revelam os sentidos imanentes ao objeto. Dessa maneira, seja por meio do documento já transcrito ou mesmo por expressões dos relatos orais, desenvolvemos o encontro com os elementos fundamentais ao desempenho dessa investigação.

A metodologia da História Oral, utilizada neste trabalho, abarca as narrativas que figuram nas entrevistas concedidas. Nessas condições, a real importância do método se dá pela possibilidade em constituir as fontes, tornando-as dignas de serem analisadas. A utilização do método perpassa a compreensão de que “a história oral seria inovadora primeiramente por seus objetos, pois dá atenção especial aos ‘dominados’, aos silenciosos e aos excluídos da história,” (AMADO; FERREIRA, 2006, p. 4) para tanto, buscamos resgatar as práticas de utilização das plantas, diferenciando-se de uma mera consideração de tradicionalidade, enfocando-as numa dimensão histórica. Ainda, fazendo com que seus sujeitos sejam admitidos como “heróis vindos não só dentre os líderes, mas, dentre a maioria desconhecida do povo” (THOMPSON, 1992, p. 44), voltando-nos principalmente às práticas que estão vinculadas à sabedoria popular, que, raramente oferecem registros escritos.

Por outro lado, por meio da história oral, os relatos acerca das práticas de utilização das plantas podem ser registrados. Compreendemos que os relatos e as narrativas descritas podem ultrapassar a consideração de “mitos” e alcançar dignamente a conotação de conhecimentos históricos, tornando-os visíveis e reconhecidos. A estrutura dessa reflexão segue a análise referente a cada uma das práticas encontradas, sendo que primeiramente lançamos o olhar sobre a prática semi-institucionalizada e em seguida para a não institucionalizada. Os passos que são estabelecidos enfocam a revelação e o aprofundamento das suas características e perspectivas particulares para, em seguida, desempenharmos um comparativo.

### *Práticas Semi-institucionalizadas: a Terapia Holística e o método da Bioenergia na perspectiva de Renato Marochi<sup>4</sup>*

O conceito de prática semi-institucionalizada é tomado em consideração aos usos das plantas perante um “conhecimento sistematizado”. A prática se caracteriza por registros e documentos escritos e por aproximar suas práticas da “medicina oficial” institucionalizada. São práticas classificadas não aos moldes científicos, mas possuidoras de uma formulação de técnicas e discursos próprios e, por isso, caracterizadas como alternativas em sua conceituação terapêutica.

Verificamos que as chamadas práticas terapêuticas com o uso de plantas, na região de Irati, voltam-se à técnica identificada como “Terapia Holística”, por meio do método da “Bioenergia”<sup>5</sup>. A Terapia Holística apresenta preocupação com a visão geral do ser humano. Essa totalidade com a qual a terapia se identifica participa do objetivo do seu tratamento perante a busca de um “equilíbrio” e “harmonia” do corpo, da mente e do espírito. (MAROCHI, 2004, p. 7).

A representação existente quanto ao sentido da doença e do tratamento engloba essa totalidade por meio da declaração de que “... a verdadeira causa da doença não está num lugar apenas, mas no conjunto do organismo que perdeu o ritmo de fluxo das energias vitais”. (MAROCHI, 2004, p.

24). Essa ênfase à visão holística ou total, tanto na noção de doença como na maneira de tratá-la, faz com que essa terapia tenha aspectos singulares de procedimentos, revelando a preocupação com a pessoa de forma geral e não fragmentada.

Acerca do método da bioenergia ou da “energia da vida”, o terapeuta Renato Marochi revela, em seu trabalho de apresentação das técnicas terapêuticas para fins de obtenção da CRT, Carteira de Terapeuta Holístico Credenciado, a título definitivo, junto ao SINTE – Sindicato dos Terapeutas:

Nosso objetivo, como terapeuta holístico, não é tratar um órgão doente, nem seus sintomas, mas promover o equilíbrio do corpo todo. Cuidamos do equilíbrio do corpo físico com o corpo espiritual. É fundamental que se crie um vínculo harmonioso de vida saudável entre o corpo e o ambiente (ambiente da família e ambiente do trabalho). Também o todo pessoal (corpo e ambiente) deve permanecer interligado com as energias da natureza presentes no universo. Sempre é bom lembrar que o método bioenergético é uma nova proposta de vida saudável. Por isso, avisamos claramente aos que nos procuram que a cura não depende só dos remédios, mas da maneira de conduzir a vida. (MAROCHI, 2004, p. 7).

A orientação da conduta de vida que essa prática terapêutica estabelece volta-se à indicação de hábitos alimentares e de procedimentos cabíveis para a obtenção de uma vida saudável.

Lançando olhar de investigação perante esse documento do terapeuta Marochi, percebemos a intenção de demonstrar, em síntese, as principais “técnicas terapêuticas”<sup>6</sup> que estão associadas ao método bioenergético. O seu principal objetivo é dar visão à existência da “energia da vida”, relacionando à ideia de que “cada ser humano tem em seu interior uma corrente energética que o mantém em vida”. (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE SAÚDE POPULAR, 2009). Dessa forma, ele revela que:

A sensação inicial de todos os que são introduzidos ao método bioenergético é de estar mexendo com o desconhecido, com o imaginário ou sobrenatural. Mas com o passar do tempo, percebe-se que existe uma ligação direta e visível em tudo. A energia com a qual lidamos faz parte da natureza humana, embora, pela minha crença pessoal (...) tais energias são criação divina. Nada está solto ou desconectado no universo. Nem mesmo a atmosfera é vazia, as moléculas de oxigênio do ar estão juntas, interligadas, servindo como canal de trânsito das energias da natureza. (MAROCHI, 2004, p. 7).

O direcionamento que é tomado em seu escrito pretende atingir os agricultores, os líderes comunitários, os religiosos e todas as pessoas que praticam esse método para a recuperação da saúde por meio da natureza. A importância dada ao método também perpassa pela riqueza histórica que possui, pois se caracteriza por “práticas milenares”. (MAROCHI, 2004, p. 21). Essas práticas eram utilizadas durante milhares de anos pela busca da cura a partir das forças da natureza. Mesmo que tenham ocorridas as restrições, proibições e até mesmo a condenação como atos de magia e bruxaria pela religião oficial, Marochi exalta em sua obra a diminuição dessa resistência, afirmando que “atualmente a religião católica deixou de atuar como repressora dessas práticas e passou a estudá-las com propósitos menos excludentes”. (MAROCHI, 2004, p. 21). Esse fator da aceitação da Igreja pode ser entendido também pelo fato de que essa prática passou a ser assumida numa dimensão pastoral, principalmente com as crianças.

Tendo em vista que Marochi atua como educador junto às organizações populares, aos sindicatos e às associações, preocupa-se em difundir conhecimentos “sobre critérios de uma vida equilibrada onde é fundamental proteger o meio ambiente para uma alimentação pura, sem agrotóxicos e sem conservantes”. (MAROCHI, 2004, p. 4). Caracteriza-se nesse aspecto o sentido de

orientação quanto às formas de viver com saúde, na mesma perspectiva da harmonia e da totalidade da vida que as pessoas precisam buscar.

Uma das motivações apresentadas pelo terapeuta para o exercício de sua técnica encontra inspiração em seu avô, Francisco Malach, “que durante sessenta anos ‘consertou quebraduras e destroncamentos de pernas e braços’, sendo o único apoio aos médicos novatos que chegaram à cidade na primeira metade do século passado...” (MAROCHI, 2004, p. 5). O aspecto da transmissão e do sentido familiar perpassa essa prática, num reconhecimento de que os critérios dos modos tradicionais podem ser entendidos como fundamentais e também presentes, ou, até mesmo, aperfeiçoados por outras técnicas terapêuticas.

Marochi relata que seu primeiro contato com o método ocorreu em 1995, quando descobriu que possuía o vírus da Hepatite C e que precisava de uma reorganização na alimentação e no modo de vida. Depois de um período de tratamentos com terapias alternativas pelo método bioenergético, ele mesmo testemunha que: “Entusiasmado com o bem-estar que passei a experimentar após quase dez anos de distúrbios diários, decidi então me aprofundar no assunto”. (MAROCHI, 2004, p. 9). Esse seu contato com o método ocorreu dois anos após a vinda da Terapia para o Brasil, uma vez que, no histórico do método bioenergético, o ano de 1993 é destacado como o início da sua divulgação em nosso país, pelo padre Renato Barth.

As condições que a Terapia Holística apresenta para a promoção da saúde estão voltadas ao desempenho da checagem e da análise das energias, pois “cada órgão do nosso corpo possui e emite energia própria”. (MAROCHI, 2004, p. 10).

A análise para cada pessoa pode ser considerada em três fases:

1- Verificar quais órgãos que estão sem energia (doentes); 2- Verificar as causas da falta de energia nesses órgãos (doenças); 3- Verificar as plantas na mão da pessoa a ser analisada, com a varinha no timo, e descobrir quais as plantas que o corpo precisa para restabelecer completamente suas defesas e curar-se. (MAROCHI, 2004, p. 14).

O uso de plantas por meio desse método alternativo é destacado em menção a essa terceira fase da análise, a “verificação das plantas”, tendo em vista que “cada planta possui sua própria energia de cura. Essa energia pode ser retirada da planta e usada para restabelecer as energias do organismo debilitado”. (MAROCHI, 2004, p. 23).

As condições que a Terapia Holística apresenta para a promoção da saúde estão voltadas à utilização das plantas consideradas como “remédios naturais”, por obterem o “princípio ativo, ou a energia do Criador, agindo sobre as causas contrárias ou energias do mal, visando restabelecer a saúde para dar equilíbrio à vida”. (MAROCHI, 2004, p. 22-23).

A importância das plantas é apresentada no desenvolvimento da reflexão acerca da “Fitoterapia”, como sendo a terapia pelo “poder das plantas”. O uso das plantas como “remédio” se destaca na contribuição para a cura e a conservação da saúde. Essa técnica que também se mostra associada ao método bioenergético “alia conhecimentos milenares de diferentes povos que viveram em harmonia com a natureza, sabendo tirar das plantas o ‘suco’ milagroso da vida”. (MAROCHI, 2004, p. 34).

### *Práticas não institucionalizadas: uma perspectiva da sabedoria popular*

As práticas de cura (espaço liso) assumem a conceituação voltada às técnicas de utilização de plantas que não são oficializadas por um discurso científico (espaço estriado). Usar as plantas para a promoção da saúde nas práticas de cura imprime a conotação de pertencer às tradições, uma vez que é percebida como prática que perpassa por critérios da transmissão entre as gerações.

Os princípios e valores que são repassados na dinâmica dessa prática são caracterizados pela oralidade e, portanto, possuem documentação escrita apenas em alguns casos. Nessas práticas, encontramos as personagens das “curandeiras” e “benzedeiras”, para as quais desenvolvemos a investigação por meio da técnica da História Oral. Com as entrevistas que nos foram concedidas tivemos a possibilidade de verificar a riqueza cultural que possuem.

Em geral, a utilização de plantas, nessas práticas, está associada à dimensão da religiosidade popular. Torna-se comum, nos casos encontrados por meio das entrevistas, o uso de orações<sup>7</sup> que se unem a um ambiente preparado com imagens de santos, altares, copos d’água, velas acesas, enfim, são locais que condicionam a representação da religiosidade e da dimensão da fé<sup>8</sup>.

A utilização de plantas associa-se à verificação adequada a cada pessoa em consequência das orações e de acordo com as moléstias reclamadas. Os métodos também podem variar na forma de indicação de algum chá ou tratamento específico.

Para uma melhor análise quanto às características e aos princípios dessa prática, desenvolvemos a investigação de maneira organizada nos elementos: da tradição existente no seu processo de transmissão; da oração que acompanha e que na verdade fundamenta o seu desenvolvimento e do critério dos usos das plantas com os seus devidos significados. Esses elementos que pontuamos como destacáveis nessas práticas não institucionalizadas encontram-se presentes nas entrevistas que nos foram concedidas.

### *A Tradição*

Tradição assume aqui a conotação da transmissão dos fenômenos de curar e de benzer e, nesses, o desenvolvimento da prática da utilização das plantas. Esse aspecto nos possibilita a compreensão do apanhado histórico que fundamenta essas práticas, uma vez que carrega em si a dimensão da transmissão dessa sabedoria popular entre as gerações.

De maneira geral os relatos presentes nas entrevistas nos condicionam a essa percepção quando revelam que são saberes que vêm dos antepassados, de algum membro da família que ensinou ou até mesmo de alguém de fora da família, que transmitiu para que fosse mantida essa prática.

Considerando o relato de Leoni Ferreira Gasparetto<sup>9</sup>, o qual afirma: “a maioria da minha família, todos benzedores quase!” (GASPARETTO, 2009), percebemos que o conceito de tradição, vinculado ao sentido de transmissão, concretiza-se por essa manutenção pelas gerações. Dando continuidade, dona Leoni dá ênfase para a sua família nesse critério e revela que: “É de família, esse já está vindo assim... minha tia era parteira, lá no interior de Rio Azul, no meio do mato (...) Salvou muita mulher (sic), muita criança! Então isso está vindo desde anos e anos... mas é na família... já! Na família!” (GASPARETTO, 2009). Notamos assim que o papel familiar, nesse sentido de transmissão dos dons,

se torna preponderante. A perspectiva que justifica esse critério é de fazer com que essa solidariedade seja perpetuada nas raízes da própria família, por meio dos seus membros.

Na tradição familiar podemos perceber ainda a motivação que se dá para a realização do método do benzimento. Considerando que o momento em que se recebe essa missão pode ser destacado como singular na vida das pessoas que o acolhem. Perante essa análise, Elda Rizzo de Oliveira (1985) nos ajuda a entender que:

Não podemos compreender o trabalho da benzedeira sem que estudemos o que a move para realizá-lo. Em outras palavras, não podemos entender todo o conhecimento que fundamenta o seu trabalho sem antes localizar na sua vida a percepção que ela tem de um sentimento que marca um momento especial, determinante na escolha do seu ofício. Esse momento é a descoberta do dom de benzeção.

Esse momento especial da acolhida desse dom, que cada benzedeira experimenta, torna-se presente nos relatos das entrevistas concedidas. Percebemos, assim, que a intervenção de Deus, ou de algo que representa a sua manifestação, é destacada como principal sustentáculo na prática de benzer e de curar.

Essa realidade pode ser confirmada na experiência de Ana de Ramos<sup>10</sup> que, nos relata que:

Pois eu comecei assim...então veio um anjo...de frente a casa de um compadre meu...e falou comigo! Que queria que o meu marido que pegasse esta moção!...Eu me acordei com aquele sonho, falei pra ele, ... ele era muito abusado! Não quis! Daí eu fiquei o dia inteiro pensando naquele sonho, dia inteiro,...daí pensei..ah..pois se foi um anjo que falou comigo.. que Deus...de certo que ele não quer ...eu faço! E daí eu fico! Daquele dia eu já fui fazendo as minhas orações, e daí vinha criança doente na minha casa...eu ia ajudar atender..porque tinha dó da mãe e da criança né? Eu já fui vencendo (sic)...fazendo remédio...e...daquele jeito... daí o povo pegou comigo... E desse jeito que começou...

(...)Má não que eu pedisse...foi o anjo que veio falar...pra intregar pra ele, pro meu marido...ele não quis! Daí eu peguei! (RAMOS, 2009).

A dimensão divina perante a transmissão desse dom pode ser revelada na história da família e da pessoa que o assume, caracterizando o aspecto de vocação, como afirma Helena de Jesus Rodrigues<sup>11</sup>: "... decerto era uma vocação que Deus me deu ...era o ramo que Deus me deu né..." (RODRIGUES, 2008). Com a manifestação de Deus, a pessoa se sente impulsionada à realização dessa missão. Essa intervenção pode ocorrer por meio de uma pessoa que represente a ação de Deus, como é o caso da experiência de Maria Aparecida Koropka<sup>12</sup> (2009), que ela mesma nos relata:

(...) Eu tinha o dom e não sabia! Quando foi um dia eu...fui procurar ...eu vou falar a verdade... eu fui procurar o padre capuchinho, que eu tava doente e meu filho também estava muito doente e não tinha...eu não tive o recurso, daí o padre disse: ...mas escuta, lá na matriz Nossa Senhora da Luz,...você tem um dom a realiza e você tá com vergonha! Não tenha vergonha, você está com vergonha de Jesus! E eu disse não tenho vergonha de Jesus, tenho vergonha do povo, de me chamarem de curandeira! Ele disse não! Se você for fiel a Deus, porque Deus deixou os apóstolos dele né pra..? E você vai ter que benzê!

Na acolhida desse dom do benzimento ocorre certo estranhamento, também um certo medo, ou ainda, a falta de coragem de enfrentar o preconceito de algumas pessoas, mas, em seguida, por ocorrer a consideração de pertencer à dimensão divina, assume-se como sendo uma vontade de Deus.

Ligando-se ainda a essa dimensão poderíamos relatar o caso de Jandira Alving<sup>13</sup> (2009), que nos revelou:

... eu fiquei um tempo que eu não podia dormir...assim que eu falava muito...de noite...falava..falava...tudo que era coisa... daí meu pai procurou algum recurso ensinaram né! Pra assim...pra fazer simpatia...mas daí o pai tinha medo né? Daí uma vez viemos num curador aqui na Vila São João...daí ele disse não! O senhor não se incomode ..não precisa fazer nada! Loguinho ela vai...é uma missão que ela tem...daí uma noite que eues tava rezando essas orações...tudo...daí meu pai com a minha mãe ficaram ouvindo né? Daí no outro dia eles perguntaram pra mim: escute...você sabe só..pai nosso..salve rainha...creio...digo: não! Até sei outras ..daí fiz essa aqui essa oração...daí daquele dia em diante...dormi sossegada...nunca mais falei de noite dormindo... nada...daí que eu peguei a venzê (sic)!

Nessa narrativa de Dona Jandira, percebemos a influência de fatores externos que podem também revelar a acolhida desse dom, tendo em vista a representação do “curador” como manifestante desse fenômeno na vida dela e de sua família.

Essa transmissão é decorrente, portanto, também dos ambientes familiares que, perante as suas estruturas de educação, apresentam as devidas características propícias para a prática do uso das plantas e dos benzimentos. Nesses ambientes percebemos que as pessoas apresentam maior tendência ao desenvolvimento desse método, pelo fato de cultivarem quintais caseiros com variedades de plantas e por serem condicionadas desde a infância a procurarem os curandeiros para a promoção da saúde. Essa perspectiva pode ser demonstrada pela narrativa de Dona Heleninha<sup>44</sup> (2008), quando ela nos diz que:

... os remédios caseiros, esse eu fui ensinada desde piquininha (sic), eu me criei a custa de chá de raiz, de chá de folha, homeopatia e xaropinho feito em casa né... tanto remédio que nós tinha (sic) horta, minha mãe tinha horta e daí tinha o curador que ensino nós, um velhinho que tinha bem... ele ensinava ela, ela ensinava nós e daí eu aprendi com ele né. E tudo, desde piquininha (sic) assim, eu me criei junto com ele e tudo quanto é chazinho que ele ensinava eu já aprendia as coisas brincando eu fazia pras crianças, eu mesmo pegava as crianças eu saia pajear, cuidar das crianças, às vezes eu dizia: vamos fazer um remédio para o nenê quem (sic) o Godofredo fez, e ali eu pegava e já fazia para aquela criança...

Nesse relato, podemos observar a presença dos fatores preponderantes ao entendimento desse processo da tradição pela transmissão, tendo em vista que as características fundamentais dessa prática para a promoção da saúde atingem o acolhimento desse dom pelos critérios da família, dos costumes e da dimensão divina, por meio das crenças e orações que perpassam as gerações.

### *As orações e os procedimentos*

A cura das moléstias, no método dos benzimentos, está diretamente associada à religiosidade. A maneira pela qual percebemos esse fator se dá por meio das orações que participam e que constituem essa prática. A oração presente nesse método torna-se estreitamente ligada ao sentido da bênção como sendo “um veículo que possibilita a seu executor estabelecer relações de solidariedade e de aliança com os santos, de um lado, com os homens, de outro, e entre ambos simultaneamente”. (OLIVEIRA, 1985, p. 9). Essa relação com o divino para a obtenção da cura torna-se essencial nas práticas de benzimentos, por realizarem essa ligação com o transcendente. Dessa forma, a principal noção do ato de benzer engloba a significação da busca do favorecimento e da conquista dos benefícios, perante o divino, por meio das súplicas que são realizadas nas devidas “fórmulas das orações”<sup>15</sup> que são estabelecidas. Cabe salientar que, segundo Dona Heleninha: “... para cada...cada jeito de... cada cura... tem uma oração que eu faço. Para cada momento de cura é um santo que eu



entrego a oração”. (RODRIGUES, 2008). Ou seja, existem as devidas particularidades ao âmbito das súplicas, pois para cada caso se estrutura uma forma específica de realizar o pedido da graça. Algumas vezes as pessoas que procuram as benzedeadas já revelam de imediato o sintoma que possuem. Em contrapartida, outras pedem que elas ainda descubram qual é a enfermidade. Isso também fazem por meio da oração.

Percebemos, assim, que a dimensão da religiosidade é que sustenta esse método. Tendo em vista que, em cada maneira de rezar, associada à crença e à religião<sup>16</sup>, são encontrados os pedidos, as súplicas, a invocação aos nomes dos Santos, aos anjos e à Virgem Maria. Esses elementos são importantes para a compreensão da função de intermediárias que as benzedeadas assumem na busca da cura pela fé.

Dessa forma, como nos fala ainda Dona Heleninha: “... graças a Deus eu fui de sorte porque (...) tudo que eu peço Deus atende né! Que não sou eu que curo não, na verdade, eu só estou de camarada de Deus... Deus me deu essa vocação e o povo me procura e eu não tenho preguiça de atender...” (RODRIGUES, 2008). Notamos, nessa afirmação, que se faz presente o critério da mediação diante do desenvolvimento do papel de benzedeadas. Assim como analisamos também a devida importância que é dada pelas próprias benzedeadas ao desempenho dessa missão. Como afirma Leoni Ferreira Gasparetto<sup>17</sup>: “...porque a minha fé é muito grande! E tudo o que eu faço, eu faço com carinho e com fé! As vezes eu posso estar... doente, mas estou me arrastando! Mais eu estou fazendo o que Deus disse pra mim: faça!” (GASPARETTO, 2009). A realização desse serviço é assumida com grande afinco pela representação que lhe é dada, ou seja, assume-se como um verdadeiro mandato divino e por isso desempenha-se com todo o esmero e fidelidade.

A prática do benzimento nos direciona ao entendimento de que a fé conduz à cura. Nesse sentido é que são feitas as orações e estabelecidos os modos de benzer, como é o caso de Dona Heleninha, que nos relata acerca do início de suas atividades: “... comecei a benzer criança. Daí fazendo simpatia de susto, simpatia de afoga (sic)... assim quando a criança se afoga tem a simpatia pra desafogar, curar queimadura, costurar machucadura, caçar sombra de criança. E eu fui começando assim com pouquinho e aumentou...” (RODRIGUES, 2008). Esses métodos utilizados por ela estão sempre associados ao desenvolvimento de alguma oração. Como também podemos ver que Leoni nos diz: “ Então, eu benzo, né? (...) criança (...) tá com problema de bichas, né? Eu benzo cobreiro, eu corto, né? Cobreiro, corto sapinho né? E...costuro rendiduras, né? Que a pessoa se rende, que se machuca, né...” (GASPARETTO, 2009). Em todos os casos cabe ressaltar que a dimensão religiosa sempre está interligada. A oração, a súplica a Deus para que se manifeste por meio de seus pedidos, nos parece ser comum a todas as benzedeadas entrevistadas.

De maneira independente dos métodos destacados aos âmbitos das bênçãos, salientamos que as benzedeadas revelam que seguem a orientação divina, como afirma Dona Ana de Ramos: “... em pensamento, quando Deus me dá autorização, que eu não faço nada sem eu dizer: Jesus me dirige! Aí Ele me dirige o pensamento como é que faço ... como é que não faço!” (RAMOS, 2009).

Outro procedimento que se torna comum em algumas das realidades encontradas é o tratamento realizado com a cera. Esse método ocorre ao derramar a cera, como pode afirmar Dona Cida: “... Eu derramo a cera, faço oração! E no meu fazer a oração, ou sai na cera ou eu mentalizo o problema da pessoa”. (KOROPKA, 2009). Esse método é também realizado por Dona Leoni, que diz: “... Na cera pra mim é muito importante... A cera pra mim é sagrada! É para um susto de criança, de

adulto mesmo, e a pessoa com depressão não tem remédio melhor para tirar! ... Com a cera! Eu derramo cera, faço oração, né?” (GASPARETTO, 2009). Ambos os casos possuem a representação de que na cera derramada é efetuada a cura, pelo fato de ser registrado nela o mal que atormenta a pessoa; o que cabe observar é que a oração também marca presença determinante diante desse método.

Nos diversos procedimentos de bênçãos encontram-se as variadas formas de rezas, e essas são decorrentes do contato com o divino. Além desse fator, podem ser identificadas as mais variadas maneiras de verificação das plantas necessárias, que dão complementação ao processo de aquisição da saúde.

### *Os usos das plantas e os seus significados*

A utilização das plantas, nesse método do benzimento, está associada à ligação entre os princípios apresentados até agora, ou seja, participa de uma prática que entrelaça as dimensões da tradição com aspectos da religiosidade. No âmbito da tradição encontramos as características que destacam a importância das plantas pelos saberes populares, como a indicação das plantas que os avós ou os pais ensinaram. Na dimensão religiosa salientamos ainda a fusão existente entre as formas de orações e os procedimentos de cura. Ou seja, reforçamos a ideia de que as benzedadeiras têm como fonte de sabedoria o próprio Deus, e o direcionam como sendo a possibilidade para a cura. Em geral, as benzedadeiras entrevistadas se apresentaram como instrumentos de Deus, situação em que “emprestam” seus corpos e vozes para fazer o bem e ajudar as pessoas que as buscam.

O critério da fé torna-se o caminho para se obter a cura necessária, como nos conta Dona Heleninha (2008):

... se a gente tiver fé numa colher d'água é remédio né! Uma folha de grama é um remédio porque eu tenho que uma vez que eu fiquei doente que me .. eu estava com (...) no olho, o meu piazzino ...que eu não tenho filho né! É um criado meu! Ele veio e pegou grama do mato assim... dessa grama graúda pra fazer, e veio e pôs num copo d'água,... eu com o olho fechado não podia enxergar e ele foi lá: Tia Lena eu trouxe um chazinho pra você... disse o que que é esse chá filho? É de remédio! Pois eu tomei e foi bom! Tirou aquela dor de cabeça que eu estava! Olhe aí! Depende da fé né!

Com essas palavras constatamos que até mesmo a utilização de plantas na promoção da saúde está vinculada à fé. Parece então, que, além do efeito que a planta possa estabelecer, a realização da cura é direcionada também pelo sentido espiritual. Outro fator importante nesse testemunho de Dona Heleninha é o da consideração generalizada de que tudo é “remédio”<sup>18</sup>, desde que seja condicionado pela fé.

O uso das plantas na promoção da saúde pode ser entendido como procedimento decorrente dessa tradição e religiosidade e ainda pode ser estabelecido por meio dos diversos métodos que o acompanham. Essas maneiras de usar e indicar as plantas são provenientes das particularidades presentes nos benzimentos.

No método usado por Maria Aparecida Koropka, percebemos que ela derrama a cera<sup>19</sup> e assim consegue ver a espécie de planta a ser indicada, pois ela mesma afirma que “eu viro a cera, faço a oração e vejo o tipo de remédio que você tem que tomar!.. por exemplo um chá de folha de laranja, você tem que fazer aquele chazinho de folha de laranja...” (KOROPKA, 2009). Outra forma de

verificação ocorre especificamente pelo benzimento, pois na própria oração é que surge a planta que a pessoa necessita. Acerca desse método a senhora Ana de Ramos afirma: "... eu vejo no benzimento o que é que precisa, daí eu explico, faça assim...faça assim..." (RAMOS, 2009). Ainda relacionada a essa maneira de indicar as plantas necessárias e adequadas para as pessoas, por meio da oração, Dona Leoni revela: "...eu tenho por assim...como se diz...eu tenho uma intuição e daí me dita pra mim e eu ensino aquele remédio e a pessoa faz...vem aquela intuição...é tal coisa...é tal coisa...de repente se você tem uma dor de estômago, eu falo pra você, faça tal chá, é isso... e isso... que você vai ficar bom..." (GASPARETTO, 2009). Essa intuição que é declarada pela senhora Leoni, no momento da benção, se refere à iluminação divina que esclarece quais as plantas a serem usadas. Destacamos, então, por esse relato, que é no benzimento que são reveladas as plantas que darão a saúde para a pessoa que necessita, mesmo que se perceba que o conhecimento acerca da importância e o devido "poder medicinal"<sup>20</sup> da planta estejam presentes de maneira consciente na benzedeira. Assim, entendemos quando a mesma Dona Leoni nos diz:

Porque a planta é o tudo! Né? A planta é o tudo! Você precisa pra fazer uma esfregação! Você precisa pra fazer uma compressa, você precisa fazer um chazinho né? Tudo envolve plantas! Isso não adianta!...

...no caso de uma infecção muito grande, uma dor, você ferve a massanilha né, faz compressa com a massanilha, ele desmancha aquela inflamação! Ele cura curado (sic)! Você vai colocando ali, aquela compressa bem feitinha com aquele medicamento, ele elimina tudo! Então, isso não é uma coisa de Deus? ...E pra mim só manda Deus! Só ele! Ninguém mais! (GASPARETTO, 2009).

A importância que é dada às plantas encontra a significação no seu valor para a cura, ou seja, entende-se conscientemente que há a potencialização nas espécies mais variadas de plantas por meio do poder e da intervenção divina. E isso tudo passa então à compreensão de ser uma grande obra de Deus.

Quando enfocamos acerca da eficácia das plantas, precisamos também perceber que para cada espécie existe uma função específica. Mesmo diante da imensa diversidade das plantas, notamos que são apresentadas as suas especificidades. Correspondendo a cada necessidade, as plantas são demonstradas nas suas devidas importâncias, como nos afirma Cida: "...eu curo dor de ouvido, dor de dente, dores musculares, é... pra tudo isso eu tenho uma erva, pra dor de cabeça, pra dor de ouvido, ácido-úrico, circulação do sangue, pra cada, cada tipo dessa doença tem uma erva, só que a gente tem que saber, se aquela pessoa não tem alergia né?" (KOROPKA, 2009). Dona Cida nos revela que cada erva possui uma função específica. E diante da importância de cada erva, correspondendo a cada função, também está ligada à particularidade de cada organismo, ou seja, para cada pessoa é necessário saber qual é a planta que pode ser utilizada, por isso que se exerce a verificação, por meio de cada método de benzimento, para saber se a pessoa pode usar essa espécie no seu tratamento.

A partir das entrevistas que nos foram concedidas, percebemos a diversidade de tratamentos que podem ser realizados na utilização de plantas por intermédio dos benzimentos. Existem plantas que são: para machucaduras; para dor de dente; para fazer xarope contra a gripe; para dor de cabeça; enfim, para uma diversidade de doenças.

Gostaríamos de destacar aqui, perante a utilização de plantas, uma prática que se torna comum na região e que foi mencionada na entrevista com Dona Jandira Alving, o uso das "garrafadas"<sup>21</sup>: "...É que a garrafada é para recaída que falam né?...Que mulher de dieta toma uma susto assim, já dá dor de cabeça, as vezes foge até o leite, né?...Daí com essa garrafada volta o leite e tira

tudo aquilo que ela tem!” (ALVING, 2009).

A representação existente nessa maneira de utilizar as plantas pelas garrafadas associa-se ao modo tradicional da obtenção da saúde, uma vez que geralmente essas garrafadas são preparadas pelas pessoas mais antigas, que desenvolviam os seus saberes de acordo com suas realidades na busca das respostas aos males que encontravam em suas devidas épocas. A essa prática poderíamos denominar, de acordo com Elda Rizzo de Oliveira, como sendo a prática da “medicina popular” (1985, p. 7), que era caracterizada nas atividades dos “ervateiros e raizeiros” e que atingem o nosso cotidiano, na caracterização dos curandeiros e benzedores, pelo uso das plantas para a promoção da saúde. Para essa percepção, a cercado desenvolvimento dessa sabedoria popular, nos orienta ainda a autora Elda Rizzo de Oliveira:

Por ser uma ciência aprendida no convívio do cotidiano e praticada por pessoas que não passaram por universidades, a medicina popular carrega consigo uma definição muito singular. E que encerra uma verdade: a de que não existe um modo único, original e ideal, válido para todas as pessoas e classes sociais, de criar as suas estratégias de vida, dentre estas as de cura. (1985, p. 10).

Nessa prática, realizada a partir da perspectiva da sabedoria do povo, percebemos que ela não é adquirida nos moldes da formalidade e nem da cientificidade. Ela assume a significação de uma medicina alternativa presente na realidade, possuindo ainda a caracterização de ser repassada às gerações. Cabe salientar que a sua função está em dar respostas às necessidades do cotidiano e, por isso, demonstra a existência de uma diversidade acerca do critério do conhecimento e da maneira de interpretar a própria vida, pois as pessoas revelam em cada situação as suas maneiras diversificadas e simples para solucionar os problemas voltados à saúde.

Nas entrevistas também encontramos o testemunho de que essa alternativa de buscar o benzimento, ou ainda de optar pelo tratamento com as ervas, possui uma viabilidade perante a dimensão econômica: “É que hoje em dia tá muito caro o remédio, né? ...as...plantas...as ervas elas já saem bem mais barato né? Elas saem mais em conta e é mais como diz... não tem perigo de...acho que a recuperação é melhor, é mais saudável!” (KOROPKA, 2009). Nessa afirmação e justificativa feita por Dona Cida diante do uso das plantas, percebemos que o baixo custo também favorece a opção por essa prática, em contrapartida aos altos preços das outras formas de medicamentos, uma vez que, nos próprios quintais caseiros, podem ser encontradas as ervas para o tratamento. Essa justificativa também corresponde à eficácia dos chás, tendo em vista que são considerados saudáveis, pois são naturais e não promovem danos às pessoas.

A procura por essa forma de tratamento torna-se destacável: “... Muita gente procura!... procuram porque a maioria das pessoas não tem o recurso, não tem de onde tirar, e tudo está muito caro! Né? E eles venham (sic) se acudir com o quê? Com benzimento, com chazinho, com uma esfregação... é esse tipo de coisa! Procuram muito!...” (GASPARETTO, 2009). Nessas palavras da senhora Leoni Ferreira destacamos a manifestação desse fenômeno em que as pessoas buscam constantemente o benzimento e a utilização das plantas para a promoção da saúde.

Como nos diz Dona Ana de Ramos (2009): “É importante! Como é! O uso de planta é muito importante!”! Nessa menção ao uso e à importância das plantas notamos que todas as benzedoras entrevistadas fazem essa mesma afirmação e revelam que são muitas as pessoas que procuram diariamente essa alternativa. Elas relatam que são muitos os atendimentos realizados durante o dia, e,

na maioria dos casos, há a utilização das plantas na busca da promoção da saúde.

### *Um comparativo das práticas*

A comparação que pode ser estabelecida perante as práticas analisadas, as semi-institucionalizadas e as não institucionalizadas, toma como critério de reflexão o papel que cada uma delas exerce quanto ao desempenho das suas legitimidades. Fazemos uso desse conceito para que por meio dele possamos entender as distinções existentes entre essas práticas, percebendo que as semelhanças são estabelecidas para a justificativa dos seus próprios discursos. Nessa perspectiva, podemos destacar a consideração de Jean François Lyotard acerca da legitimação:

Considere-se uma lei civil; seu enunciado é o seguinte: tal categoria de cidadãos deve desempenhar tal tipo de ação. A legitimação é um processo pelo qual um legislador é autorizado a promulgar esta lei como norma. Considere-se um enunciado científico; ele está submetido à regra: um enunciado deve apresentar determinado conjunto de condições para ser reconhecido como científico. Aqui, a legitimação é o processo pelo qual um “legislador” ao tratar do discurso científico é autorizado a prescrever as condições estabelecidas (em geral, condições de consistência interna e de verificação experimental) para que um enunciado faça parte deste discurso e possa ser levado em consideração pela comunidade científica. (LYOTARD, 2000, p. 13).

Essa conceituação de legitimidade relaciona-se ao princípio da cientificidade. Mesmo que tenhamos destacado as características de cada uma das práticas como distintas da medicina oficial, observamos a existência de algumas medidas de proximidade aos critérios da ciência para fins de legitimação.

A conceituação da ciência envolve princípios que a direcionam a uma dimensão de verdade e de regras que a justificam. Conforme nos apresenta Roberto Machado, “... a ciência, discurso normatizado e normativo, é o lugar próprio do conhecimento e da verdade e, como tal, é instauradora de racionalidade”. (MACHADO, 2006, p. 7). Por meio dessa caracterização da ciência é que verificamos os elementos que a fazem propensa a determinar as condutas de correspondências para com ela. Sua imposição perante as práticas de utilização das plantas gera a atitude de configuração aos seus princípios e discursos legitimadores.

Ao demonstrarmos alguns elementos dessa adesão às normas da ciência, não a identificamos como contrariedade presente nessas práticas, uma vez que já as classificamos como distintas dos âmbitos institucionais. O que salientamos é que a presença desse critério de proximidade científica pode ser um fator necessário em ambas as práticas, pois, consideramos como a maneira que elas encontram para serem caracterizadas como legítimas e assim darem continuidade em suas atuações.

Em ambas as alternativas, encontramos uma série de símbolos que identificam e ao mesmo tempo justificam os seus exercícios como sendo eficazes<sup>22</sup>, por meio das suas devidas linguagens<sup>23</sup>. Na caracterização de cada uma das práticas podem ser elencados alguns elementos que nos ajudam nesse processo de comparação, mas é preciso destacar que a legalidade de cada uma, bem como a constituição de cada discurso, está adequada aos princípios que regem as suas representações.

Em cada prática encontramos as significações relacionadas aos modos pelos quais são desempenhadas as técnicas, seja pela bioenergia ou pelo fundamento religioso e popular dos

benzimentos.

Na prática semi-institucionalizada torna-se mais clara a proximidade da bioenergia com a ciência, uma vez que o método bioenergético de Renato Marochi apresenta sua legitimidade por meio de laços estreitos aos princípios da medicina convencional.

Diante dessa observação, constatamos que essa terapia encontra uma organização estabelecida, a partir de uma associação de sindicato que lhe transmite o certificado de competência e de segurança perante a sua atuação. O sindicato que destacamos é o “SINTE – Sindicato dos Terapeutas”<sup>24</sup>, que fornece, aos que lhe são associados, legitimidade para o desempenho das técnicas cabíveis para a promoção da saúde.

O documento que estudamos, do terapeuta Marochi, marca essa presença do sindicato, pois essa sua obra foi produzida para a “obtenção da CRT- Carteira de Terapeuta Holístico Credenciado junto ao SINTE,” (MAROCHI, 2004, p. 3) e isso o torna “apto” para a atuação como terapeuta bioenergético.

De acordo com o parecer desse sindicato (SINTE), as terapias alternativas sofrem uma certa acusação de ilegalidade. Assim, afirma-se que “os resultados obtidos pelos terapeutas holísticos não cabem nos moldes da pesquisa científica tida como ‘oficial’, resultando daí, ter sua validade e eficácia injustamente questionadas”. (SINTE, p. 3-4) Nesse relato, justifica-se que há uma distinção existente entre as práticas alternativas e a medicina convencional. No entanto, Renato Marochi apresenta, quanto a esse aspecto, que

as terapias alternativas não são práticas da medicina oficial, mas ambas as correntes podem ser aliadas se houver um relacionamento harmonioso entre as partes, onde o objetivo maior seja o bem estar da humanidade e não a segregação profissional de uma ou outra categoria. (2004, p. 7).

Pressupomos com essas palavras que, do lado da medicina alternativa, há o posicionamento por uma possível união dos princípios desde que o objetivo maior seja a obtenção da saúde.

Mesmo sendo considerada distinta da medicina oficial, compreendemos que há algumas proximidades nas suas características. Um fator que se destaca, nessa proximidade do método bioenergético com a prática da medicina convencional, é o desenvolvimento da linguagem. Notamos que a linguagem caracterizada no documento do terapeuta assume semelhança à erudição da medicina quanto aos termos técnicos e aos diagnósticos. Essa constatação é dada, por exemplo, na apresentação das técnicas do método bioenergético, quando ele cita “Timo” que “é uma glândula situada no peito, entre os dois lobos dos pulmões, debaixo da primeira costela visível. O Timo é a defesa do corpo, uma parte vital do sistema imunológico. Esta glândula produz os linfócitos que são uma espécie de soldados que lutam contra os invasores do organismo”. (MAROCHI, 2004, p. 13).

Nesse relato, verificamos a presença, na linguagem, de uma devida “absorção de cientificidade” perante as avaliações e determinações da terapia holística. Participa dessa interpretação a constatação de que nas “consultas terapêuticas” são utilizadas fichas de controle dos pacientes e um manual para a verificação das energias. Ou seja, as práticas pertencentes à medicina oficial, por meio do registro, controle e uso de termos técnicos e conhecimentos específicos referente a determinados órgãos e suas funções, são plenamente assimiláveis e repetidas pelo discurso e práticas da terapia holística.

Outro fator é o da demonstração da eficácia do método pelo discurso da sua visão global no

diagnóstico. Utilizando uma estrutura de linguagem adequada e próxima da cientificidade, e ao mesmo tempo unindo-se ao cunho popular<sup>25</sup>, essa terapia apresenta a oportunidade de tratamento feito de maneira integral à pessoa, por meio do seu discurso de totalidade<sup>26</sup>.

Nas práticas não institucionalizadas, das benzedeadas e curandeiras, a legitimação também pode ser notada, mas não com tamanha intensidade como nas práticas institucionalizadas. Essa característica é entendida como um processo em busca de legalização das suas atividades.

Constatamos, nesse sentido, a formação de um grupo de benzedeadas participantes da Associação Aprendizes da Sabedoria de Mediciniais e Agroecologia-ASA. Essa Associação, em conjunto com a Articulação Puxirão dos Povos Faxinalenses –AP, desenvolve encontros e reuniões para o resgate dos valores dos povos e comunidades tradicionais. Com o apoio do Instituto Equipe de Educadores Populares – IEEP<sup>27</sup> demonstram preocupação com as formas de saberes tradicionais:

... Pois muitos de nós nascemos de parteira, vamos a uma benzedeadas ou a uma costureira para tirar a nossa dor, por isso a Associação Aprendizes da Sabedoria combate toda discriminação e preconceito contra esses conhecimentos. Lutando para o reconhecimento junto aos órgãos públicos da função social dessas práticas e de seus agentes<sup>28</sup>.

Verificamos, assim, a existência também dessa forma de legitimidade voltada à normatividade, perante a busca de leis condizentes que lhes possibilitem desempenhar suas atividades com tranquilidade nas suas comunidades.

O desejo de se submeterem às regras impostas pelas instituições e órgãos que vigiam esse departamento revela também nessas práticas a necessidade de adesão a essa legalidade. Tal sentido pode ser confirmado no relato de Dona Heleninha, que participa dessa Associação e comenta acerca da preocupação que ela tem com a forma de vigilância:

...a gente não sabe se pode tocar pra frente ou tem que deixar (...) eu fiz uma parada (...) com os meus remédios (...) não fiz mais meus remédios (...) que eu estou esperando que me dêem (...) um documento pra mim cuidar de novo né? Porque numa dessa (...) eles lá como são em bastante ... capaz de fazerem conjunto e virem pra cima de mim e eu perder (...) ..perder a demanda...e eu estando como diz o caso estando bem agarrada e (...) daí então não perco (...) daí nós fomos conversar com o chefe da saúde, lá fomos... lá direto com o chefe da saúde. (RODRIGUES, 2008).

A justificativa para essas práticas não institucionalizadas pode ser encontrada também, de maneira intrínseca, nas estruturas dos seus discursos e atividades. O exercício dessa legitimação pela linguagem é focado pelas palavras que são utilizadas nas orações, pois revelam a estreita ligação com Deus. Ainda nesse sentido, diante da realização do próprio rito da benção, podemos perceber o aspecto transcendente que é tocado e que por isso torna essas práticas configuradas ao fenômeno divino.

A estrutura voltada à religiosidade assume uma conotação de simplicidade e de acessibilidade, para a qual as pessoas se tornam atraídas e, por isso, aderem a elas. A própria utilização das plantas é entendida como meio de tratamento que dá a possibilidade a todas as pessoas de buscarem a saúde pela viabilidade que é apresentada.

Notamos, então, que a dimensão dos resultados apresentados por essas práticas favorece o seu reconhecimento pelos atos de cura que são realizados. E esse aspecto é concretamente destacado pela constante procura das pessoas e pelo crescente número dos que aderem a esse método. Assim,

constatamos que é a própria comunidade que pode exercer a função de legalizar essas práticas, pelo contato com o método e pela divulgação dos seus efeitos.

A legitimação do método das práticas não institucionalizadas atinge a compreensão de que “elas transmitem um modo de transmitir a vida, de perceber as ameaças e os perigos e de fazer algo para eliminá-los, extingui-los...” (OLIVEIRA, 1985). Essa perspectiva ocorre pela consideração de que nessas práticas a legitimação se destaca no campo dos sinais, dos símbolos que expressam os devidos significados que são transmitidos e relacionados à vida. Esses fatores se fazem presentes na personalidade das benzedoras, pois elas imprimem, por meio de um conjunto de conhecimentos, as características e as representações acerca do mundo.

Nesses âmbitos é que podemos entender as maneiras que elas rezam e indicam as plantas, como elas se expressam pelas suas falas e por todos os meios pelos quais transmitem suas sabedorias. Nesse método não ocorre a existência de documentação ou de certificado que comprove esse exercício, mas torna-se um conhecimento reproduzido e justificado pelos parâmetros simbólicos.

Neste estudo comparativo das práticas, as semi institucionalizadas e as não institucionalizadas, que promovem a saúde pelo uso das plantas, constatamos que são estabelecidas particularidades quanto aos métodos e às técnicas. Mas, é notável que a sabedoria popular possa ser visualizada em ambas, mesmo diante das mais complexas e atualizadas técnicas, essas “raízes” do saber tradicional se tornam implícitas nelas.

Precisamos fazer com que, ao cunho dos princípios históricos e culturais, os nossos sentidos possam estar aguçados à percepção e ao resgate harmonioso das estruturas do saber popular. Mesmo que hoje se perceba a existência de movimentos contraditórios que buscam o aniquilamento dessa forma de saber. Alimentamos a proposta de tornar visíveis essas práticas milenares ou, ainda, modificadas pelas inovações e transformações das técnicas alternativas. O que importa é fazer com que elas possam ser vistas na base estruturante das técnicas institucionalizadas e oficiais de tratamento, superando a supremacia científica que muitas vezes assume a caracterização de mera manipuladora e destruidora dos valores e princípios diversos dos seus.

Nessas manifestações culturais, ricas de significados, temos a possibilidade de descobrir os “sabores” e sentidos da vida, pois nos envolvemos, por meio das dimensões humanas e culturais, nas compreensões e leituras das suas representações.

### *Referências*

AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes. Org. **Usos e abusos da História Oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

ARANTES, Antônio Augusto. **O que é Cultura Popular**. 13. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE SAÚDE POPULAR - **Bio Saúde**. Disponível em: <http://www.biosaude.org/vi/metodo.php>. Acesso em: 14jun2009.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Trad. Mariza Corrêa. 9. ed. Campinas: Papius, 2008.



BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Trad. Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer.** Trad. Ephraim Ferreira Alves. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

DUARTE, Geni Rosa; FROTSCHER, Meri; RIBEIRO, Sarah Iurkiv Gomes Tibes. Práticas Culturais e Identidades. In: **Tempos Históricos.** Marechal Cândido Rondon: Gráfica Líder, 2006.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna.** Trad. Ricardo Corrêa Barbosa. 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

MACHADO, Roberto. **Foucault, a ciência e o saber.** 3.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

OLIVEIRA, Elza Rizzo de. **O que é benzeção.** São Paulo: Brasiliense, 1985.

\_\_\_\_\_. **O que é medicina popular.** São Paulo: Brasiliense, 1985.

SOCHODOLAK, Hélio; CAMPIGOTO, José Adilçom. **Estudos em História Cultural na Região Sul do Paraná.** Guarapuava: Unicentro, 2008.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: História Oral.** 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

### *Fontes*

ALVING, Jandira. **Entrevista** concedida em 27 de junho de 2009.

ASA (Associação Aprendizizes da Sabedoria de Mediciniais e Agroecologia). **Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil. Série: Faxinalenses do Sul do Brasil. Fascículo 1. Faxinalenses: fé, conhecimentos tradicionais e práticas de cura.** Irati-PR. 2008.

GASPARETTO, Leoni Ferreira. **Entrevista** concedida em 23 de junho de 2009.

KOROPKA, Maria Aparecida. **Entrevista** concedida em 20 de junho de 2009.

MAROCHI, Renato. **Energia da Vida: Método bioenergético de verificação e equilíbrio de energias e orientação sobre uso de plantas com efeitos terapêuticos.** Irati, 2004.

RAMOS, Ana de. **Entrevista** concedida em 23 de junho de 2009.

RODRIGUES, Helena de Jesus. **Entrevista** concedida em 11 de dezembro de 2008.

SINTE – Sindicato dos Terapeutas. **O Melhor da Terapia Holística.** São Paulo, edição para colecionador.

(As entrevistas [gravação e transcrição] encontram-se depositadas no Centro de Documentação e Memória da UNICENTRO – Campus de Irati).

---

Recebido em: 15/11/2012

Aprovado em: 30/12/2013

<sup>1</sup> Utilizamos esse conceito referindo-nos à prática do autodiagnóstico, na qual ocorre a utilização das espécies de plantas cultivadas nas próprias residências.

<sup>2</sup> Afirmação feita perante o desenvolvimento da investigação histórica cultural na região de Irati. Nesta perspectiva, cabe ressaltar o desempenho dos trabalhos aos âmbitos da compreensão cultural das tradições locais presentes na obra: SOCHODOLAK, Hélio; CAMPIGOTO, José Adilçom. **Estudos em História Cultural na Região Sul do Paraná**. Guarapuava: Unicentro, 2008.

<sup>3</sup> O conceito e a distinção entre essas práticas serão aprofundados na sequência deste artigo, mas de antemão precisa-se ter a noção de que perante o uso de plantas: as semi-institucionalizadas apresentam um devido reconhecimento de ação; e as não institucionalizadas assumem as práticas voltadas ao saber comum, ou popular, e por isso não possuem os moldes institucionais.

<sup>4</sup> Renato Marochi atua como terapeuta com o método bioenergético há 9 anos. Possui 56 anos, natural de Irati, sua maior experiência é como educador popular. Há mais de 30 anos atua junto às organizações populares, sindicatos e associações. É catequista da Igreja Católica desde 1973. Professor voluntário da Escola de Teologia para Leigos de Irati, que funciona em convênio com a Diocese de Ponta Grossa e Unicentro -Universidade Centro-Oeste, campus de Irati. Professor de Oratória e Motivação e presta serviço as Senac-PR. Prestou assessoria em comunicação para diversas organizações não governamentais ligadas à agricultura familiar e agroecologia, entre elas: AS-PTA -Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa/ Sede Nacional: Rio de Janeiro -RJ; Rede ECOVIDA de Agroecologia (três Estados do Sul); GTA - Grupo de Trabalhadores Amazônicos/ Sede Nacional: Brasília - DF. Foi vereador em Irati (1982-1988) e Secretário Municipal nas Prefeituras de Irati (1983-1984), São João do Triunfo (1990) e União da Vitória (1996-1998), Delegado Estadual do Senar - Serviço Nacional de Formação Profissional Rural -Mtb(1985-86-87), Assessor Parlamentar (Assembleia Legislativa do Paraná - 1989).

<sup>5</sup> *O histórico do método bioenergético*: O criador do método é o médico japonês Yoshiaki Omura, residente nos Estados Unidos - com suas análises o método se chamava "Bi-Digital O-Ring-Test". Após um ano, Dr. Átom Ivoue, filho de japoneses, nascido na China e radicado na Nicarágua, foi um dos primeiros a ter acesso ao método. Em 1989 ele aprende as descobertas de Omura e as divulga. Padre Renato Barth, sacerdote jesuíta brasileiro que residia na Nicarágua, fez curso com Dr. Átom em 1992. Em 1993, Padre Renato divulga o método no Brasil. Nesse período, possuía a denominação de "Método Bioenergético de Diagnóstico", porque Dr. Omura havia registrado e requerido patente do "Bi-Digital-O-Ring-Test", restringindo seu uso aos médicos e dentistas da época.

<sup>6</sup> As técnicas terapêuticas, que são apresentadas no documento associadas à bioenergia são: Radiestesia; Fitoterapia; Geoterapia; Terapia Verbal associada à Oração e Neurolinguagem; Terapia do Toque associada ao Reiki; Terapia Corporal associada à Respiração; Hidroterapia e Musicoterapia associada ao Relaxamento.

<sup>7</sup> Nas entrevistas tivemos a oportunidade de registrar uma demonstração de oração, utilizada para o benzimento de criança, feita por Jandira Alving:... Pai, Filho e Espírito Santo...peço esse venzimento (sic) pra... Fulana...é uma criança né!.. peço esse venzimento (sic) a Virgem Maria que vá lavando o corpo dele com as nove gotas de leite assim como lavou o corpo do Menino Jesus lave o dele. Contra o susto quebrante mau olhado, espírito perdido que seja chamado com o nome de Deus Pai em nome de Deus Filho. Padre nosso pequinininho (sic) nos deixou para dotrina luz de monte, luz de fonte... o susto... quebrante que não te encontre, nem de dia, nem de noite, nem da hora do meio-dia. Canta galo responde a lua em cima os anjos fazem cruz... vem a mãe Maria Santíssima para sempre amém Jesus...Ah meu são José da sagrada Família tanto caminhavam de noite como caminhavam de dia, padre interno perguntou como está Virgem Maria, está coberta de ouro e prata na mais rica prata fina, os teu (...) que o bem de Jesus te chegue no teu corpo. Meu anjo da guarda filho da Virgem Maria livre você de ar no sangue, na carne, nos nervos e nos ossos por essa noite e amanhã por todo o dia. Pai Divino Deus mestre Jesus...

<sup>8</sup> Esses locais foram encontrados nas residências das benzedeadas que concederam entrevista. Foi interessante perceber que cada local revelava por meio dos objetos sagrados a condição de cura associada à fé.

<sup>9</sup> Leoni Ferreira Gasparetto, nascida em Rio Azul, reside hoje em Irati, no bairro Santo Antônio, possui 76 anos de idade e é benzedeadora há 40 anos.

<sup>10</sup> Ana de Ramos, nascida na região de Guarapuava, município de Guarapuavinha, reside hoje em Irati, no bairro Rio Bonito, possui 84 anos de idade e é benzedeadora há pelo menos 30 anos.

<sup>11</sup> Helena de Jesus Rodrigues, mais conhecida como Dona Heleninha, possui 57 anos de idade e reside no Faxinal dos Seixas, município de São João do Triunfo, há 42anos é benzedeadora, tendo iniciado essa atividade aos 15 anos de idade.

<sup>12</sup> Maria Aparecida Koropka, mais conhecida como Cida, reside em Irati, no bairro Rio Bonito, possui 58 anos de idade e é benzedeadora há 20 anos.

<sup>13</sup> Jandira Alving, 65 anos de idade, nascida em Irati, na Serra dos Nogueiras, reside hoje no bairro Vila São João, no conjunto Jardim Araucária, há 52 anos é benzedeadora, tendo iniciado essa atividade aos 13 anos.

<sup>14</sup> Helena de Jesus Rodrigues.

<sup>15</sup> Citamos essa expressão para destacar que existem várias fórmulas de orações. Dando ênfase, gostaríamos de citar uma delas, registrada na entrevista realizada com Leoni Ferreira Gasparetto no dia 23 de junho de 2009: "Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, Salve (...) salve Nossa Senhora Aparecida, salve São Miguel Arcanjo, salve São Jorge guerreiro, salve São Sebastião, salve nossa Mãe Maria Santíssima, que tenha misericórdia e compaixão desse teu filho, que me dê força nesta hora, para mim curar e fortificar livrar e defender, afastar esse teu filho de todo mal! Deus Pai Todo Poderoso, tenha misericórdia e compaixão desse teu filho, Jesus, cura, fortifica, livre e defenda e afaste dele todo esse mal! Que todo esse mal será cortado e será acalmado em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo! Te benzo em cruz com o nome de Jesus com nome das três pessoas da Santíssima Trindade, que essa hora seja uma hora sagrada, que esse teu filho seja curado, fortificado, livrado, defendido e afastado dele todo esse mal, que todo esse mal será cortado e será acalmado, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. A estrela do céu que criou o primeiro pai do sol, preciosíssima estrela tenha misericórdia e compaixão desse teu filho, que proteja, que livre que defenda, que afaste dos caminho dele todo o mal. Pai Nosso que estais no céu santificado seja teu nome venha a nós o vosso Reino seja feita a vossa vontade assim na terra como no céu, perdoa-nos as ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido e não deixeis cair em tentação, livrai-nos do mal. Amém. Ave-Maria cheia de graça o Senhor é convosco, bendita sois vós entre as mulheres, bendito é o fruto do vosso ventre Jesus, Santa Maria Mãe de Deus rogai por esse teu filho para ele ser curado, fortificado, em nome do Pai, do Filho, e do Espírito Santo. Assim como Nossa Senhora defumou seu filho para cheirar eu benzo teu filho para ser curado, fortificado, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Graças a Deus! Obrigada (...)

<sup>16</sup> Em todas as entrevistas que foram concedidas, as benzedeadas se identificaram como pertencentes à religião Católica.

<sup>17</sup> Leoni Ferreira Gasparetto, 76 anos, nascida em Rio Azul, reside hoje em Irati, no bairro Santo Antônio, há pelo menos 40 anos que realiza benzimentos.

<sup>18</sup> Expressão utilizada no sentido de que as plantas podem ser caracterizadas como remédios naturais ou caseiros, pois favorecem a cura.

<sup>19</sup> A cera de abelha é utilizada por muitas benzedeadas nas práticas de cura, pois se afirma que nela é revelado o mal que atormenta a pessoa. Essa prática é definida como “derramar cera”.

<sup>20</sup> Referente ao valor das propriedades presentes na planta que possibilitarão a cura para a pessoa.

<sup>21</sup> Essas garrafadas correspondem a um concentrado de plantas que são colocados numa garrafa com a finalidade principalmente voltada às mulheres que no período de dieta têm as devidas recaídas. Dona Jandira nos diz sobre a fórmula dessas garrafadas: “Essas garrafada ela vai meio copinho de pinga, açúcar torrado, daí vai artimige (*sic*), um galho...uma folhinha de arruda, um pontinha de alecrim, e daí vai gengibre do reino ..miudinha, daí vai nanoscada (*sic*), pichilim (*sic*), abúto (*sic*)...é... semente de erva doce do reino...tudo isso vai...intera nove...daí é a garrafada pra mulher tomar assim duas vezes por dia..uma vez...é muito bom..é assim bastante coisa!”

<sup>22</sup> Cabe observar aqui, que, mesmo utilizando esse conceito de eficácia, não fazemos dele o nosso objetivo nesta pesquisa. A nossa preocupação está no enfoque acerca da existência dessas práticas e de como ocorrem as suas representações. A análise referente à eficiência de cada uma delas apresenta-se como proposta de pesquisa futura.

<sup>23</sup> Aqui podemos também nos remeter à perspectiva de Lyotard, que desenvolve, segundo análise de Wittgenstein, o conceito de “jogos de linguagem” e ele mesmo explica que “por este termo quer dizer que cada uma destas diversas categorias de enunciados deve poder ser determinada por regras que especifiquem suas propriedades...” (LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Trad. Ricardo Corrêa Barbosa. 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000, p. 16-17).

<sup>24</sup> Esse sindicato é direcionado aos terapeutas. Visitando o site [www.sinte.com.br](http://www.sinte.com.br) percebemos o sentido de proximidade à cientificidade, pois estabelece vínculos de legitimação e credenciamento, por meio do favorecimento de certificados que autorizam aos associados exercerem suas terapias.

<sup>25</sup> Esse cunho popular, nessa prática semi-institucionalizada, se refere à observação de que nessa terapia ocorrem também alguns elementos da técnica popular, uma vez que apresenta nas suas indicações terapêuticas as práticas que pertencem à sabedoria popular, como: a indicação de plantas caseiras para chás, de compressas, etc.

<sup>26</sup> Podemos adentrar aqui o conceito que Lyotard estabelece como sendo denominado de “A legitimação pela paralogia” (LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Trad. Ricardo Corrêa Barbosa. 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000. p.111), ou seja, é o saber que convive de maneira harmoniosa com as diferenças, e ainda, formula um novo discurso ou conceito.

<sup>27</sup> Esse Instituto caracteriza-se como uma ONG, realizando assistência à Associação Aprendizes da Sabedoria de Mediciniais e Agroecologia - ASA. Sua sede localiza-se na rua Antônio Pavelski, 603 -Alto da Glória, Irati-PR.

<sup>28</sup> Associação Aprendizes da Sabedoria de Mediciniais e Agroecologia- ASA. Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil. Série: Faxinalenses do Sul do Brasil. Fascículo 1. **Faxinalenses: fé, conhecimentos tradicionais e práticas de cura**. Irati-PR. 2008. p. 14.